

RESPONSABILIDADE SÓCIO-AMBIENTAL: TRANSFORMAÇÕES E BONS RESULTADOS EMPRESARIAIS A PARTIR DA GESTÃO NATURAL EFICIENTE, EFICAZ E EFETIVA

Carlos Henrique Pellegrini

“A princípio, as pessoas se recusam a acreditar que uma coisa nova e estranha possa ser feita; depois elas passam a ter esperança que ela possa ser feita – então ela é feita, e todo mundo se pergunta por que não havia sido feita há séculos. “

(Frances Hodgson Burnett)

RESUMO

Há anos pesquisamos e vivenciamos as questões relacionadas à “Gestão de mudanças empresariais para eficiência, eficácia e efetividade dos negócios”. Atualmente procuramos relacionar tal ação aos Projetos Sócio Ambientais de cidades, empresas privadas e estatais engajadas nesse ideal que também aplicam Técnicas de Gestão objetivando a busca de diferenciais competitivos e a conseqüente maximização dos resultados (diminuição de custos, aporte tecnológico, melhoramento de produtos e serviços, segurança e medicina, capital intelectual, bem estar social, preservação do meio ambiente etc). Demonstraremos aqui algumas experiências bem sucedidas e a influência da responsabilidade sócio-ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: *Responsabilidade social, meio ambiente, qualidade de vida, cidadania, educação, bem estar social, meio ambiente.*

ABSTRACT

For years we have researched and lived questions related to the administration of enterprise changes to efficiency, effectiveness and productivity of the business. Currently we try to link this activity to the Social – Environmental Projects of cities, private and state enterprises engaged in this ideal, which also apply Administrative Techniques with the objective of finding the competitive differentials and the consequent maximization of the results (cost reduction, technological contribution, product and service improvement, safety and medicine, intellectual capital, social well being, environment preservation, etc.). We will be demonstrating some successful experiences and the influence of the social-environmental responsibility.

KEY WORDS: *Social responsibility, environment, life quality, citizenship, learning, social well being.*

Mestre em Administração – PUC / SP. Engenheiro e Administrador.
Professor titular nas Faculdades Padre Anchieta, PUC/SP, UNIP e UNICAMP. Pós graduado em Engenharia Econômica (UNICAMP) e Engenharia de Produto (USJT). Diretor da Maxirecur Consulting e membro de diretorias e conselhos de diversas empresas privadas. pellegrini@maxirecur.com.br www.maxirecur.com.br

1. A questão socioambiental e os negócios

A estagnação da economia mundial, sobretudo depois do fatídico caso do World Trade Center em New York (EUA) em Setembro de 2001, as catástrofes climáticas nos verões da Europa (2002 enchentes e inundações e 2003 calor desenfreado), a ampliação da devastação da Amazônia confirmada em 2003, fizeram com que as pessoas passassem a pensar mais na sociedade e no meio ambiente. Todos os empresários sabem disso e somente uma pequena parcela deles aproveita dessa oportunidade.

No Brasil, pudemos perceber o clamor sócio-ambientalista mais cedo, a partir da ECO RIO 92, Cúpula Mundial para Sustentabilidade ocorrida na Cidade do Rio de Janeiro em 1992 com a participação de quase 200 países representados por seus chefes de estado. Essa reunião tornou a ocorrer em 1997 ECO RIO + 5, e depois em 2002 na África do Sul, "Cúpula da Terra", com participação maciça novamente - não obstante os resultados efetivos poderem ser questionados.

A questão ambiental tem merecido amplo destaque no contexto nacional e internacional, partindo da constatação de que o desenvolvimento econômico e social está sendo alcançado às custas da degradação ambiental, alheio ao desenvolvimento sustentável, comprometendo a qualidade de vida e colocando em risco a própria sobrevivência humana. Assim, garantir a preservação da natureza e uma sociedade mais justa devem ser os principais desafios dos governos, empresários e executivos no século XXI.

Na Europa e nos EUA foi na década de 70 que se iniciou a busca de soluções para reduzir os efeitos das atividades econômicas sobre o meio ambiente e sociedade. Investiu-se diretamente na educação das pessoas e as empresas passaram a efetuar auditorias e análises para observar qual seu grau de desenvolvimento sócio-ambiental por intermédio de Balanços Sócio-Ambientais, Certificações Sócio Ambientais e Programas de Gerenciamento Sócio Ambiental.

Esses dois instrumentos nasceram na iniciativa privada americana na ocasião da Guerra do Vietnã, para pressionar empresários que apoiavam o governo na continuidade da guerra. Na forma com que se apresenta hoje, foi a subsidiária francesa da SINGER que iniciou o processo.

Somos um país megadiverso com reservas naturais gigantescas. Para a manutenção desse patrimônio vêm se estabelecendo ações no governo e na iniciativa privada que apontam para o crescente controle e preservação desse patrimônio natural.

O novo Governo Federal chega com leis, diretrizes, incentivos inovadores na área sócio-ambiental encabeçados pela Ministra do Meio Ambiente Marina Silva, 44 anos, nascida e criada nos seringais acreanos (ela é símbolo vivo da luta e resistência pela sustentabilidade do nosso ecossistema).

- Marina Silva cita três metas que nortearão sua política sócio-ambiental:

1. Criar políticas transversais de meio ambiente em todo o Governo Federal .

2. Criar bases e instrumentos econômicos para o desenvolvimento sustentável.
3. Ampliar cada vez mais a parceria com a sociedade, buscando controle, responsabilidade social, adequando-se e aproveitando da melhor forma a nossa condição de país megadiverso.

• O Governo Federal aponta para a eminente exigência legal da publicação de Balanços sócio-ambientais (IBASE – AS 8.000). Para tal se fará necessária a realização do Planejamento de Gerenciamento Sócio Ambiental.

Conforme Lei No 9795 sancionada pelo Presidente da República, em 27 de abril de 1999, sobre a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA: "...reconhece a educação sócio-ambiental como um componente essencial e permanente em todo processo educativo, formal e/ou não-formal, como orientam os Artigos 205 e 225 da Constituição Federal".

"A Política de Educação Sócio-Ambiental legaliza a obrigatoriedade de trabalhar o tema de forma transversal, conforme foi proposto pelos Parâmetros e Diretrizes Curriculares Nacionais".

2. Limitações do tema nas empresas

A partir do cenário anterior, a maior parte dos empresários somente enxerga e investe no marketing sócio-ambiental, que é a parte mais visível e provavelmente menor das oportunidades latentes que pesquisamos, fechando-se para outras saídas, deixando de maximizar seus ganhos, perdendo assim a empresa, a sociedade e o meio ambiente.

3. Desenvolvimento sócio-ambiental ampliando o desenvolvimento empresarial

Segundo o jornalista Washington Novaes em seu livro "A Década do impasse: da Rio-92 à Rio+10" , SP- Brasil / Estação Liberdade: Instituto Sócio-ambiental, 2002, o atual quadro de aprendizagem no Brasil é constrangedor . O conhecimento, dizem hoje os melhores especialistas, não é apenas uma atividade intelectual, no campo da consciência e do raciocínio, é bem mais que isso. Começa no campo sensorial, onde o conhecimento é definido, antes de exprimir-se em linguagens. No Brasil 2,7 milhões de crianças de 7 a 14 anos continuam fora do sistema educacional. Entretanto, se estivessem na escola, grande parte delas, por deficiência nutricional, não iriam conseguir aprender. Os empresários poderão fazer esse contraponto, à medida que criarem condições básicas de dignidade às pessoas, à medida que investem em Projetos e Sistemas Sócio-Ambientais.

A questão educacional não pode ser tratada nem como uma preocupação de segurança, nem como mero exercício aritmético. É preciso percebê-la em sua dimensão ética, ou seja, não se pode desejar que a população cresça e nem diminua, mas sim, pensá-la em termos de dignidade humana, de adequação dos padrões civilizatórios, as possibilidades de recursos e de equilíbrio da vida na Terra.

O tema dos conflitos entre o processo de globalização econômica e o assim chamado desenvolvimento sustentável, seja na vertente ambiental, social ou cultural, foi um dos quesitos mais discutidos na conferência ECO RIO + 5, quando foi sugerido que o Brasil não siga nenhum modelo externo. Foi afirmado que “a proteção do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sócio ambiental sustentável podem estar em sintonia com o livre mercado e sua necessidade eminente de diferenciais”.

No Brasil ainda não se enxerga o desenvolvimento sócio ambiental como oportunidade de desenvolvimento empresarial. Nossa sociedade não exige de seus políticos e empresários compromissos com soluções sócio ambientais sustentáveis. A água, a terra, o ar e o fogo são os quatro elementos que resumem tudo na vida do Planeta Terra, portanto, devemos repensar nossos formatos de viver. Vivemos uma crise civilizatória que exige mudanças e nossos políticos e empresários podem encontrar esse caminho colaborando com o reencontro de nossa cultura e a aproximação da dignidade e cidadania.

4. Capitalismo, bem estar, meio ambiente, desperdício e educação

No livro *Capitalismo Natural – Criando a próxima revolução industrial*, Cultrix – Amana-Key, 3.ed., São Paulo, 1999, os autores Paul Hawken, Amory Lovins e Hunter Lovins, revelam que o capitalismo natural não pretende fomentar levantes sociais. Pelo contrário, eles serão a consequência inevitável se não se enfrentarem os problemas sociais e ambientais fundamentais com responsabilidade. O capitalismo natural refere-se às escolhas que podemos fazer para começar a dar um sentido mais positivo aos resultados econômicos e sociais. E isso já está acontecendo na iniciativa privada porque é necessário, possível, prático e traz diferenciais competitivos se conduzido com eficiência, eficácia e efetividade.

O capitalismo tradicional jamais soube atribuir valor monetário ao seu maior estoque de capital: os recursos naturais e os serviços do ecossistema que possibilitam toda atividade econômica e a própria vida. O capitalismo natural, ao contrário, contabiliza esses custos adequadamente.

O capitalismo natural advoga a produtividade de recursos – fazer mais com menos, retirar o máximo de benefício possível da energia e material consumidos. Ele também redesenha a indústria, criando modelos biológicos que resultam em desperdício zero, fazem com que a economia passe da aquisição episódica de bens para o fluxo contínuo de valor e serviço, e tem a prudência de investir na conservação e na expansão dos estoques existentes de capital natural.

O Capital Natural representado em estratégias empresariais é ao mesmo tempo lucrativo e necessário à sociedade a partir de suas derivadas como a reeducação de colaboradores e em consequência da sociedade. As empresas que a praticarem não só ocuparão posições de liderança ao abordar alguns dos nossos mais profundos problemas econômicos, ambientais e sociais, como também terão uma

vantagem competitiva decisiva mediante o uso apropriado dos recursos, do dinheiro e da sociedade.

Na sociedade, o desperdício assume uma forma diferente: a vida humana. O desemprego crescente e os subempregos mostram que os recursos humanos não têm recebido importância durante o crescimento econômico dos países. E a causa preponderante do desemprego é a extinção de postos de trabalho (no passado recente o fenômeno advinha de retração econômica com retorno do posto de trabalho na medida da retomada econômica), o que torna impossível criar uma noção de valor e de dignidade na vida das pessoas.

Assim como existe o desperdício de recursos naturais e de pessoas, existe o desperdício de riquezas, ou seja, dinheiro. Gastos com população carcerária, acidentes nas estradas, problemas de saúde causados pela poluição, despesas desnecessárias ou superfaturadas, derivam sobremaneira da ignorância da população e ausência de políticas que valorizem a educação. No lugar das perdas aqui mencionadas poderíamos canalizar esses recursos para usos mais produtivos, como educação, saneamento básico, entre outros, para o reencontro da dignidade, cultura e cidadania.

O mundo enfrenta três crises que ameaçam a civilização do século XXI que possuem o desperdício como causa comum:

- Deterioração do meio ambiente natural;
- Dissolução contínua das sociedades civis na ilegalidade, no desespero e na apatia;
- Falta de vontade pública necessária para promover o bem-estar.

Os três tipos de desperdício são sintomas entrelaçados de um problema: o uso excessivo de recursos para tornar pouquíssima gente produtiva. Essa fórmula cada vez mais cara é uma relíquia do passado que já não serve para o presente e nem há de servir para o futuro.

5. Gestão sócio-ambiental aplicada à construção civil - eco designer e conforto.

Conforme Rui Otávio Bernardes de Andrade, Takeshy Tachizawa e Ana Barreiros de Carvalho no livro "Gestão Ambiental - Enfoque Estratégico Aplicado ao Desenvolvimento Sustentável", São Paulo, Makron Books, 2000, na iniciativa privada o contato com a natureza torna evidente a satisfação dos ocupantes do local onde há verde, brisa, claridade natural, jardins. E se esse local for um prédio de trabalho, por exemplo, a recompensa é ainda maior, pois diminui o absentéismo em quinze por cento, a produtividade aumenta e os empregados participam de numerosas atividades culturais e sociais noturnas ou de fim de semana.

Pouca gente experimenta o verdadeiro conforto – térmico, visual ou acústico – mas, quando o faz, tende a querer mais. Por isso é arriscado oferecer algo inferior. Os prédios que são alternativamente um "forno" ou uma "geladeira", desconfortáveis e com altas contas de energia começam a tornar-se inaceitáveis.

Uma nova estrutura comercial bem projetada terá a forma física e estará voltada para a direção que melhor aproveitar a vantagem do ganho solar e desvia o calor e o vento indesejáveis, já economiza cerca de um terço do consumo de energia de um prédio, sem nenhum custo extra. Um edifício cuidadosamente projetado há de usar não só a orientação e a forma, como também sua massa térmica, a sombra, o acabamento das superfícies, a paisagem e outros elementos arquitetônicos para otimizar os ganhos em aquecimento solar e refrigeração passivos.

Menos luz elétrica reduz o calor no prédio, diminuindo a necessidade de ar-condicionado. Com luz natural, sabe-se que nas escolas os alunos aprendem mais, têm melhor saúde física e crescimento, além de tirarem melhores notas. Nos novos edifícios, a economia típica em energia de iluminação costuma ser de oitenta ou noventa por cento.

Nos edifícios, consome-se muita energia para que o ar circule. Esse custo pode ser reduzido com o uso de materiais não-tóxicos, tanto de construção, quanto de limpeza, e pela ventilação durante a construção. Uma vez eliminada a toxicidade no próprio projeto, os prédios verdes geralmente permitem que os ocupantes abram janelas ou aberturas próximas.

As inovações no design não se limitam aos prédios. Pouco a pouco, o design verde também substituirá ou reformará praticamente todas as antigas estruturas.

Não sendo possível reciclar um prédio inteiro, o melhor é reutilizar a madeira, os tijolos e outros materiais da estrutura anterior. Reutilizar essa energia incorpora a economiza tanto a própria energia quanto custo de capital. Demolir os prédios e vender o material também pode ser lucrativo.

As características de um prédio "eficiente" são as formas curvas, a luz natural e o ruído de cachoeiras. Não se ouvem barulhos mecânicos (mesmo porque não existem sistemas mecânicos) e tampouco há campos eletromagnéticos. A temperatura do ar é baixa; a de irradiação, alta; a umidade do ar, elevada mesmo em um clima desértico; a boa qualidade do ar interior e um jardim central semitropical oferecem a vista, o cheiro, os íons, o oxigênio e, ocasionalmente, o sabor das plantas. Tudo isso faz manter os ocupantes mais ativos, satisfeitos e saudáveis.

Repensar o design não é só questão de aperfeiçoar as coisas, mas de olhar para o contexto mais amplo no qual moramos e trabalhamos diariamente.

O sucesso inesperado e extraordinário desses projetos de design integrado no mercado imobiliário começa a persuadir as incorporadoras a repensarem muitas de suas suposições básicas e a imaginarem novos projetos habitacionais como uma ferramenta com que restaurar a natureza e as comunidades.

Chegará a hora em que o isolamento, a dependência do automóvel e as patologias sociais que afligem os subúrbios dos grandes centros comerciais e industriais do século XX serão autênticas aberrações povoadas por pessoas improdutivas, obsoletas, sem motivação e separadas do resto do mundo.

6. Projetos sócio-ambientais aplicados em cidades –desenvolvimento urbano

sustentado.

Solucionar os problemas da sociedade e conseqüentemente não causar efeitos colaterais é o objetivo dos governantes engajados na causa sócio ambiental. Para isso ocorrer é necessário analisar o problema não isoladamente, mas, juntamente com os outros elementos envolvidos no contexto. Exemplo disso é a cidade de Curitiba que em meados dos anos setenta foi administrada pelo prefeito Jaime Lerner, arquiteto, engenheiro e humanista. Ele focalizou a melhoria da cidade não somente na ampliação econômica, mas também no desenvolvimento humanitário, no bem estar social.

Lerner utilizou o aspecto "design" de Curitiba para valer a sua idéia, conseguindo realizar durante doze anos, juntamente com outros colaboradores, principalmente com os habitantes de Curitiba, uma administração que resultou numa cidade de primeiro mundo. Esse tipo de gerência serviu de modelo para os mandatos seguintes.

O sucesso de Lerner foi devido ao seu pensamento de unir harmoniosamente meio ambiente e sociedade. Soube aproveitar os recursos naturais, como por exemplo a reciclagem, conseguindo assim obter menos gastos para o desenvolvimento.

7. Lixo se tornando moeda de troca para cidadania, cultura e dignidade.

Na década de 1980 a coleta de lixo no Brasil cresceu 15,6% e mesmo assim é possível que a produção seja ainda maior, já que na média 21,6% o que significa mais de 20 milhões de pessoas produzindo em torno de 12 mil toneladas por dia, lixo sem destino.

Mesmo com toda tecnologia de reciclagem disponível, ainda é um enorme desperdício, o que é grave levando em consideração que seria uma extraordinária fonte de receita para alguns setores mais carentes da população.

Em Jundiá, em 10 anos a coleta e a comercialização de sucatas transformou-se em importante atividade econômica no segmento de baixa renda. Essa prática é amplamente usada por empresários de todos os segmentos como forma de alavancar seus lucros tendo o nome de suas empresas envolvidos com cooperativas, organizações, agremiações criadas para tal fim.

8. Da natureza podemos trazer economia de custos e competitividade

O mais feroz inimigo do desperdício que a história produziu talvez tenha sido Taiichi Ohno (1912-90). Ohno-sensei foi o pai da Toyota Production System, a base conceitual da mais importante organização industrial do mundo, e um dos maiores inovadores da história.

Ohno criou o arcabouço intelectual e cultural da eliminação do desperdício que ficou definido como "qualquer atividade humana que absorve recursos sem criar

valor". Ele se opunha a toda e qualquer forma de desperdício. Womack e Jones reformularam da seguinte maneira sua classificação das formas de desperdícios: "os erros que exigem retificação, a produção de itens que ninguém quer e o conseqüente acúmulo de estoque e bens, os passos desnecessários no processamento, o movimento de empregados e o transporte de bens injustificáveis, os grupos de pessoas ociosas em uma correnteza abaixo, porque uma atividade correnteza acima não funcionou a tempo, e os bens e serviços que não atendem às necessidades de cliente". Ohno chamava isso de muda, palavra japonesa que significa "desperdício", "futilidade" ou "despropósito".

Uma das chaves do pensamento enxuto é a simplificação. Adotada ao contexto de todo o processo ou da fábrica inteira, ela adquire uma capacidade mais ampla de poupar simultaneamente recursos como o espaço, os materiais, a energia, o transporte e o tempo.

Pensamentos mais enxutos adotados nas organizações promovem sistemas mais eficientes evitando desperdícios com tempo, materiais, pessoas etc. No entanto, esses ganhos não devem levar os empregados a perderem o emprego. Pelo contrário a mesma força deve ser utilizada para produzir uma quantidade muito maior e mais diversa de produtos com o mesmo capital e as mesmas instalações, expandido muito os negócios da organização, criando uma cumplicidade e satisfação das pessoas envolvidas.

Essa satisfação é um benefício oculto: a produção enxuta torna as pessoas mais felizes, e não só porque os empregados gostam de ver os desperdícios eliminados, mas sim porque as pessoas se sentem melhor quando sua atividade envolve objetivos claros, concentração intensa, sem distração, retorno imediato em seu processo e uma sensação intensa.

Conclusão

A produtividade Sócio-ambiental aplicada com eficiência, eficácia e efetividade em cidades, empresas privadas ou estatais, faz com que os resultados sejam maximizados. O pensamento enxuto, sócio ambiental, faz com que o valor definido pela sociedade flua continuamente com o objetivo de produzir desperdício zero nas empresas, meio ambiente e na sociedade. Juntas, essas práticas oferecem uma nova lógica econômica: em vez de vender ao consumidor um produto que espera que ele use a fim de obter um serviço de que realmente precisa, ofereça-lhe o próprio serviço, preste de maneira eficiente, compartilhe a poupança, na medida do necessário, para que você continue competitivo, e embolse o resto.

Seja qual for a forma contratual, tal relação, estando centrada nos fins, não nos meios, é capaz de recompensar ambas as partes pela escolha de meios que minimizem os custos.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de; TACHIZAWA, Takeshy; CARVALHO, Ana Barreiros de. *Gestão Ambiental. Enfoque Estratégico Aplicado ao Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BARBIERI, José Carlos. *Desenvolvimento e meio ambiente: As estratégias de mudança da Agenda 21*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CASTRO, Newton de (Org.). *A questão Ambiental e as Empresas*. Brasília: Sebrae, 1998.
- DOMAIRE, Denis. *Gestão Ambiental na Empresa*. São Paulo: Atlas, 1999.
- D'AVIGNON, Alexandre. *Normas Ambientais Iso 14000*. Rio de Janeiro, 1996.
- CAPRA, Fritjof, *A teia da vida (The web of life)* 9ª ed. São Paulo: Cultrix Amanakey, 2000.
- HAWKEN, Paul, LOVINS, Amory, LOVINS, Hunter. *Capitalismo natural – criando a próxima revolução industrial*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix – Amanakey, 1999.
- MACEDO, Carolina. *Iso 14000*. Barueri. São Paulo. C.N.A. Consultoria de Organização. 1997, atualizado setembro 2000. Disponível em: <<http://www.can.com.br/>>
- NOVAES, Washington, *A década do impasse: da Rio 92 à Rio +10*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- TACHIZAWA, Takeshy, *Gestão Ambiental e responsabilidade social corporativa – Estratégia de negócios focada na realidade brasileira*. São Paulo: Atlas, 2002.